

O poeta e o historiador. Southey e Varnhagen e a experiência historiográfica no Brasil do século XIX¹

The poet and the historian. Southey and Varnhagen and historiographic experience in 19th century Brazil

Temístocles Cezar²

t.cezar@ufrgs.br

¹ Este artigo é uma versão modificada do trabalho apresentado no XXIV Encontro Nacional de História, realizado na UNISINOS, São Leopoldo, em 2007. Agradeço aos participantes do Seminário Historiografia e Escrita da História: multidisciplinaridade, coordenado pelos professores Durval Muniz de Albuquerque Júnior (UFRN) e Manoel Luís Salgado Guimarães (UFRJ), as críticas e sugestões ao meu trabalho.

² Temístocles Cezar – Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Bolsista do CNPq.

Resumo. O objetivo do artigo é o de tecer algumas considerações iniciais sobre o uso que o historiador brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen faz da obra do historiador e poeta inglês Robert Southey para escrever a história do Brasil. A análise visa, deste modo, procurar entender a experiência historiográfica brasileira no século XIX a partir da relação entre a história e o gênero ficcional representado pela poesia.

Palavras-chave: historiografia, escrita da história, Varnhagen, Southey.

Abstract. The purpose of this article is to make offer an initial discussion of the use of the poetry of the English historian and poet, Robert Southey's by the Brazilian historian, Francisco Adolfo de Varnhagen in his writing of Brazil's history. Thus, this analysis aims at understanding the Brazilian historiographic experience in the 19th century on the basis of the relation between history and the fiction genre represented by poetry.

Key words: historiography, writing of history, Varnhagen, Southey.

The poetry of history does not consist of imagination roaming at large, but of imagination pursuing the fact and fastening upon it [...] just because it really happened, it gathers round it all the inscrutable mystery of life and death and time. Let the science and research of the historian find the fact, and let his imagination and art make clear its significance (Trevelyan in Neff, 1947, p. 1)³.

|

Existe uma crença entre os historiadores difícil de ser desarticulada: a de que *res factae* e *res fictae* seriam separáveis como a forma e o conteúdo, em termos modernos, como *processo histórico* e *ornamento retórico*. Uma convicção, destituída de fundamentos epistemológicos evidentes e mais precisos, que, no entanto, se reduplica no século XIX,

³ Epígrafe do livro de Neff (1947).

quando parte significativa daqueles que se professavam adeptos de uma história “filosófica ou pragmática” passou a acreditar na reconstituição imparcial e objetiva dos fatos históricos a partir do estabelecimento e exame das fontes. Nesta operação historiográfica idealizada, haveria, contudo, de acordo com Hans Robert Jauss, uma segunda etapa: o da transposição dos fatos à narrativa, momento em que a história científica utilizaria os recursos estéticos, mesmo que sob uma “má consciência” (Jauss, 1989, p. 89-90).

O debate remonta à *Poética* de Aristóteles, quando o estagirita define a superioridade da poesia trágica (que diz respeito ao geral) em relação à narrativa histórica (limitada só ao particular), marcando assim “um corte importante: uma espécie de aquisição para sempre – ou um fardo que a historiografia não cessará de sopesar ou se esforçará em depor” (Hartog, 1999, p. 15).⁴ De Chladenius e Lessing no século XVIII, a Ranke, passando pela conferência de Humboldt sobre a tarefa do historiador, em 1821, de Walter Scott na Inglaterra, de René Chateaubriand, Augustin Thierry e Prosper Barante na França no século XIX, ao “eclipse da narrativa” e ao retorno do que nunca deixou de ser narrativo no século XX, a relação entre o historiador e o poeta não parece ter afastado nem contido este fardo, ou nas palavras de Koselleck, ele continua a interpelar os historiadores, pelo menos aqueles preocupados com a teoria da história (Koselleck, 1990, p. 252-253)⁵.

II

A historiografia brasileira do século XIX não esteve imune à querela entre o histórico e o ficcional. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 1838, freqüentado em profusão por historiadores, poetas e literatos, local onde se travaram batalhas intelectuais acerca da definição do que era próprio e impróprio da história como campo de saber, testemunhou algumas das discórdias e aproximações entre a história e a poesia. Nem sempre as posições estiveram marcadas com nitidez, e parecia difícil a

homens de letras como Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias ou Joaquim Manoel de Macedo, membros do IHGB, reprimirem a veia poética mesmo quando pensavam estar fazendo história. A conciliação teórica, dependendo de quem escrevia, não apenas era possível como muitas vezes incontornável ou mesmo, em alguns casos, desejável⁶. Por outro lado, em pelo menos uma oportunidade, poetas, trajados de cientistas, agiram no sentido de inviabilizar a candidatura ao IHGB de uma poetisa indicada por membros da própria instituição⁷.

Não se tratava de um debate intenso, mas pontual, localizado aqui e ali de modo irregular, e que lentamente atravessa o século. O problema epistemológico da emergente historiografia realizada no IHGB era o de estabelecer regras e procedimentos metodológicos de intervenção e estimular a busca de documentos históricos. Se havia uma disputa intelectual um pouco mais clara na cultura histórica brasileira oitocentista, era pela melhor forma de se escrever a história e assim dominar o passado (Guimarães, 2007).

Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), cuja vocação para a polêmica era reconhecida por todos, pouco se preocupou com discussões estritamente teóricas, sem que isso significasse uma negligência absoluta. Como para a maior parte dos historiadores, de ontem e de hoje, a reflexão de Varnhagen sobre seu ofício aparece dissimulada, em comentários breves, em explicações ocasionais, em réplicas, enfim nas diferentes formas que sua narrativa podia assumir. A relação do historiador com a literatura e a poesia, por exemplo, jamais foi expressa por digressões acerca da natureza, vínculo ou o lugar desses gêneros de escrita na produção historiográfica. Porém, desde o início de sua atividade intelectual, é possível observar sua proximidade com a dimensão ficcional. Assim, em 1840, ele publica n’*O Panorama*, revista portuguesa de cunho romântico, um ensaio literário intitulado “Chronica do descobrimento do Brazil”, que se insere, de acordo com Flora Sussekind, em um movimento mais amplo, aquele da construção da figura de um *narrador de ficção* na produção literária brasileira dos anos 30 e 40 do século

⁴ Sobre a recepção desta passagem da *Poética*, ver o excelente reexame que propõe Luiz Costa Lima (2006, p. 181-211) a partir da análise de dois historiadores contemporâneos, o classicista Arnold Wycombe e o historiador G. E. M. Ste. Croix, além de seus comentários acerca do legado da Antiguidade, em *História, Ficção, Literatura*. Ver também a análise pontual que Bêrenger Boulay (2006) faz dos capítulos 9 e 23 da *Poética*, procurando mostrar, na esteira de Paul Ricoeur, que a posição de Aristóteles não invalida completamente uma poética da narrativa histórica (o que é questionado, em outros termos por Lima, 2006, p. 182-183 e Boulay, 2006). Ginzburg relativiza a influência desta passagem da *Poética* e propõe a análise da *Retórica* como mais significativa para os historiadores. Ver Ginzburg (2002, p. 47-63). Ver ainda o artigo de Hayden White (1994) sobre o fardo na história, embora o autor não parta da distinção aristotélica, mas da suposta entre ciência e arte.

⁵ Sobre Chladenius, ver Chladenius (1988, p. 71), e os comentários de Koselleck (1990, p. 167-170, 1997, p. 272-273); sobre Lessing, ver Koselleck (1997, p. 29-30). A conferência de Humboldt pode ser lida em *La tâche de l'historien* (Humboldt, 1985). Para uma análise do discurso histórico de Ranke e o uso de categorias estéticas, ver Jauss (1990, p. 104-108). Sobre a construção textual em Ranke, ver Grafton (1998, p. 48-77). Neste mesmo sentido ver ainda: Gay (1990, p. 63-93) e White (1992, 175-202). Sobre o “eclipse da narrativa”, ver Ricoeur (1983, p. 171-216). Para o debate entre história e ficção no século XIX, ver Bann (1995, p. 17-29). Sobre a relação entre os narrativistas franceses, Ranke e Byron e Scott, ver Bann (1984, p. 853, 93-111). A coletânea de textos de Lionel Gossman sobre história e literatura, especialmente sobre a historiografia romântica, é importante para a primeira metade do século XIX (Gossman, 1990). A introdução de Marcel Gauchet aos textos fundamentais de Barante, Cousin, Guizot, Michelet, Mignet, Quinet e Thierry, que caracterizam o que chama de o “momento romântico” da historiografia, também é importante (Gauchet, 2002). Para uma avaliação geral do debate ver Hartog (2005, p. 163-173).

⁶ Um caso exemplar é a *Memória histórica e documentada da revolução da província do Maranhão desde 1839 até 1840*, de Gonçalves de Magalhães (1848). Ver também o relatório que autoriza a publicação do trabalho em Lagos (1848), *Relatório dos trabalhos do Instituto Histórico e Geográfico*. Procurei analisar estes textos em Cezar (2004).

⁷ O caso da Sra. Beatriz Francisca de Assis Brandão é exemplar. Sua candidatura, proposta por Joaquim Norberto de Sousa e Silva (presidente do IHGB de 1886 a 1891), João José de Sousa Silva Rio e Luiz Antonio de Castro, em 25 de outubro de 1850, foi rejeitada por um parecer exarado por Gonçalves Dias e Joaquim Macedo de Macedo argumentando, basicamente, que o IHGB era um local de estudos históricos e geográficos, (Dias e Macedo, 1850, p. 520 e p. 529-530). Para um comentário, ver Lúcia Guimarães (1995, p. 489).

XIX, que esboça também, ao mesmo tempo, a figuração do narrador enquanto historiador nacional⁸. Dez anos mais tarde, em 1850, Varnhagen publica o *Florilégio da poesia brasileira*, cuja introdução, intitulada *Ensaio histórico sobre as letras no Brasil*, é considerada, por alguns estudiosos da literatura, como o texto fundador da “historiografia literária brasileira”⁹. O *Ensaio* e o *Florilégio*, a despeito de suas falhas, tornaram-se fontes de consulta constantes para os interessados na história literária brasileira já no século XIX, mesmo que muitos, segundo Capistrano de Abreu, não declarassem¹⁰.

III

Contato com a dimensão literária não era, portanto, o que faltava a Varnhagen. Além disso, ele foi acompanhado durante toda sua vida intelectual por uma presença incômoda, às vezes francamente desagradável, a do historiador das coisas do Brasil que o antecedeu, o poeta inglês Robert Southey (1774-1843)¹¹.

Autor de uma *History of Brazil*, em três volumes, publicada em Londres entre 1810 e 1819, Southey foi um interlocutor constante dos membros do IHGB¹². Embora jamais tenha vindo ao Brasil, sua história foi escrita com base em uma vasta documentação – monografias, relatos de viagem, jornais e principalmente o “notável acervo de livros e manuscritos sobre coisas luso-brasileiras que reuniu laboriosamente seu tio materno”, o capelão anglicano Herbert Hill, que habitara Portugal durante 30 anos¹³. Apesar de ter sido traduzida para o português apenas em 1862, a obra era conhecida pelos homens de letras¹⁴. Na verdade, mais conhecida do que lida, pois nem todos tinham domínio da língua inglesa. Isso não impediu, entretanto, que, inicialmente, Robert Southey tivesse a pretensão nada modesta de que sua *History* significasse para os brasileiros o mesmo que a obra de Heródoto representou para os europeus (Simmons, 1945, p. 173-174).

Southey, como historiador, diferentemente de Varnhagen, aquele que parte da historiografia moderna e acadêmica classifica de Heródoto brasileiro, reforça a tendência de associar a poesia à história¹⁵. Para tanto, adota

a mesma postura de *empatia imaginativa* que seu compatriota e amigo o poeta William Wordsworth: “Através da forma e do estilo de narrativa procurava exprimir e incorporar certos princípios filosóficos: pretendia reviver a história através de sentimentos e da imaginação, reconstruindo a vida de outros tempos ‘como – explica Southey em 1813 – pulsara no coração dos homens de antigamente”¹⁶. Para escrever a história, tal como ela deve ser escrita segundo Southey, o escritor precisa de um “poder de transmigração intelectual”, que, reconhece, é algo raro: “Se o historiador quer tratar com justiça os indivíduos cujos atos registra, deve voltar à sua época e, pondo-se onde eles estiveram, tentar, enquanto possível, ver as coisas, como lhe pareciam aos seus próprios olhos, segundo a visão que tinham deles mesmos, à mesma luz, sob o mesmo ponto de vista a através dos mesmos recursos” (Southey in Dias, 1974, p. 71-72).

A busca desta cor local conduziu Southey aos testemunhos de cronistas e de viajantes: “Diários e livros de viagens adquirem com o tempo mais valor; são subsídios da história e preservam a memória de muitas coisas, que o historiador deixa de lado, por considerar pouco importante ou trivial, mas que transformam em objetos de curiosidade quando se tornam obsoletos e antigos” (in Dias, 1974, p. 72).¹⁷ Sobre a crença e ingenuidade que caracterizam muitos relatos de viagem, o inglês julga que inegavelmente crédulos “eles o foram e tanto melhor que assim fossem; pode-se pensar qualquer coisa sobre a velha questão das superstições e do ateísmo, mas é preferível que historiadores e viajantes acreditem demais do que de menos; é melhor que respeitem exageros e falsidades do que suprimam fatos, por acharem que não são verdadeiros; que deixem o leitor exercer seu próprio critério em vez de procurar decidir no seu lugar” (Southey in Dias, 1974, p. 72). Os viajantes, ao narrarem simplesmente o que viram e escutaram, são testemunhas da realidade, não seus juizes. Fontes autênticas de crenças, eles auxiliam, com seus olhos e ouvidos, o historiador a pensar, imaginar, enfim escrever sobre o passado. Finalmente, mais importante que suas credences em mentiras e em coisas sobrenaturais é que eles materializam suas existências. O julgamento, neste caso, não é tarefa do historiador, mas do leitor. Paradoxalmente, este historiador imaginativo de Southey é imparcial.

⁸ Ver Varnhagen (1840) e Sussekind (1990, p. 19-20).

⁹ Ver Varnhagen (1850) e Varnhagen (2001) Entre os estudiosos da literatura, ver Veríssimo (1954, p. 192-193); Coutinho (1968, p. 13); Martins (1952, p. 68-69). Antônio Cândido (1981, p. 350) o insere na formação do cânon literário brasileiro.

¹⁰ “O livro de Varnhagen – escreve Ferdinand Wolf em 1862 – intitulado *Florilégio* é ainda mais importante [do que aqueles que o precedem, como as obras de Januário da Cunha Barbosa, Joaquim Norberto de Souza e Silva e J. M. Pereira da Silva]. O sábio autor desta obra não se contentou de publicar pela primeira vez um grande número de trechos inéditos extraídos de fontes muito raras; ele demonstra sua origem alemã pela exatidão e a profundidade que nós vemos na introdução histórica colocada na abertura do primeiro volume. É essa última parte da obra que nos serviu de modelo para os quatro primeiros períodos” (Wolf, 1863, p. 4). Ver Abreu (1928a, p. 503).

¹¹ Sobre a vida de Southey, ver Dowden (1909) e Simmons (1945).

¹² Ver Southey (1810, 1817, 1819) (sob o pseudônimo de Manuel Alvarez Espriella).

¹³ Ver Dias (1974, p. XV), e Southey (1810, p. 1).

¹⁴ Ver Southey (1862).

¹⁵ Varnhagen, “Heródoto do Brasil”. Ver Reis (1997).

¹⁶ Ver Dias (1974, p. 71), que eu sigo.

¹⁷ Ele também considerava que as cartas e relatórios dos jesuítas eram fontes imprescindíveis para se escrever a história da América do Sul.

IV

Robert Southey, cuja afinidade com a historiografia romântica é evidente, condensa, de uma certa maneira, referências que são decisivas à formação da idéia de história no Brasil do século XIX¹⁸.

A recepção de sua obra foi, contudo, ambígua. Ferdinand Denis, por exemplo, considerava que o “poeta inglês”, havia “pintado, com certo brilho, cenas grandiosas da vida selvagem” no Brasil, porém “nem sempre suas cores são verdadeiras” (Denis, 1877, p. 225). No interior do IHGB, esta ambigüidade também se fazia presente. Parece-me correto afirmar que os membros do IHGB fizeram a história da nação um pouco contra Southey, mas muito a partir dele. Varnhagen é o melhor exemplo: ele usa e abusa do trabalho de Southey ao mesmo tempo em que dele procura distanciar-se¹⁹. Para o brasileiro a obra de Southey não era completa, o que, por outro lado, o inglês reconhecia de bom grado, em que pese considerar que não seria superada tão cedo²⁰.

Na polêmica que travou com o geógrafo francês Armand D’Avezac, Varnhagen afirma que quando começou a escrever a *Historia geral do Brazil*, teve que começar “por se desembaraçar do verdadeiro caos que se encontrava a história de meu país, sobretudo aquela do primeiro e do último século, apesar dos trabalhos importantes do célebre Southey, formando três grossos volumes que ele chama de *História do Brasil*, e que mereciam antes o título de *Memórias para escrever a história do Brasil e dos países do Prata* etc.²¹. Quase uma fonte portanto. Na primeira edição da *Historia geral do Brazil*, após alguns elogios a Southey, Varnhagen encadeia um conjunto de críticas sobre as deficiências da obra: incompleta, sem unidade, desordenada, repetitiva e fatigante, características que lhe garantiram uma fraca popularidade (a ausência, naquele momento, de uma tradução para o português é simplesmente desconsiderada pelo brasileiro) (Varnhagen, 1857, p. 343-344)²². No entanto, conclui Varnhagen, ainda neste volume da *História geral*, que “seria acção pouco generosa, e até suspeita da nossa parte, a de apregoar censuras contra esta obra do illustre poeta laureado, que tanto apreciamos, e que o Brazil todo com razão respeita, pelo facto de haver levado annos occupado d’elle” (Varnhagen, 1857, p. 344).

Mesmo no elogio, Varnhagen marca sua diferença: ele lembra, assim *generosamente*, que Southey antes de ser um bom historiador era um poeta reconhecido. Quem sabe, esta condição não seria suficiente para explicar as deficiências da obra? Contudo, na segunda edição da *Historia geral do Brazil*, de 1877, Varnhagen simplesmente suprime este parágrafo e o substitui pela crítica seguinte: “Devemos lastimar que se mostre tão intolerante com os brasileiros nos assuntos religiosos, motivo por que o original da sua obra nunca se fez popular no Brasil” (Varnhagen, 1981, p. 212). Na *História das lutas com os holandeses no Brasil*, o brasileiro adverte que “no número das obras históricas assim envenenadas por menos seguras doutrinas [inclusive *romanceando à custa da verdade*] vemo-nos hoje obrigados a considerar a de Southey que, além disso, bem como a competente tradução, para os progressos da história pátria em nossos dias, se encontra omissa em fatos mui importantes”, de que ele se encarregará de prevenir ao leitor, sem, contudo ter em mente a “idéia de criticar o ilustre laureado bretão; mas apenas como prevenção para que não nos venham a opor, como já se tem feito, a sua autoridade à dos documentos fidedignos, ou às considerações de crítica, que nos obrigaram a não o seguir” (Varnhagen, 1955, p. 28)²³.

Já o *competente* tradutor da primeira edição brasileira da obra de Southey (1862), Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, não pensava deste modo. Para ele, segundo se lê em uma nota ao leitor: “O trabalho que ora verto para a língua nacional passa por ser a melhor história do Brasil; mas não disputo preferências, fale ela por si mesma. Em todo o caso é um escrito importante para a história pátria” (Castro, 1862, p. 1). E não podemos esquecer que as notas desta edição são de responsabilidade do cônego J. C. Fernandes Pinheiro, então primeiro-secretário do IHGB. Eu conheço apenas a reação escrita de Varnhagen à tradução brasileira, que é bastante contida: por um lado, ela “remediou” parte dos defeitos da narrativa de Southey – “a cansada repetição de insossas descrições” – “por outro lado, veio a ficar incompleta e a ser antes um verdadeiro extrato da obra” (Varnhagen, 1981, p. 212). Fico a imaginar sua reação na intimidade ao abrir o primeiro volume e descobrir publicamente que ainda havia gente no Brasil que considerava a obra de Southey, que para ele não passava de uma fonte, superior à sua...

¹⁸ Sobre Southey e o romantismo, ver Curly (1967).

¹⁹ No primeiro volume da *Historia geral do Brazil* (1854), Varnhagen cita Southey 18 vezes; no segundo (1857), oito.

²⁰ “I affirm of the present History, imperfect as it is, that in these respects it has not often been equalled and will not easily be surpassed” (Southey, 1819, p. 879).

²¹ Ver Varnhagen (1858, p. 7). D’Avezac escreveu que “existia portanto uma história geral do Brasil (de Southey) feita e de um valor incontestável, mas não isenta de imperfeições nem de lacunas; por outro lado, era a obra de um estrangeiro, e o Brasil ainda esperava uma história nacional” (D’Avezac, 1857, p. 94).

²² Sobre a recepção da obra de Southey na Inglaterra, C. R. Boxer menciona a crítica que lhe foi feita na *Blackwood’s Edinburgh Magazine*, de fevereiro de 1824: “His *History of Brazil* is the most unreadable production of our time. Two or three elephant folios about a single Portuguese colony! Every little colonel, captain, bishop, friar, discussed at as much length as if they were so many Cromwells or Loyolas” (Boxer, 1957, p. VII-VIII).

²³ Para críticas mais pontuais ver Varnhagen (1955, p. 152).

V

Historiador de um país em que jamais colocou os pés, como observei antes, Southey não deveria *a priori* ser o autor de *nossa história*, pelo menos para Varnhagen, e não por um nacionalismo exacerbado ou uma xenofobia incontida do Visconde de Porto Seguro. O problema de Varnhagen era, acredito, de outra ordem: ele queria simplesmente ser o autor da primeira e definitiva história geral do Brasil. Poeta, o inglês procurou compreender poeticamente a história, quer dizer, sem abandonar as marcas da poesia que são os sentimentos e a imaginação. A descrição edênica de Southey das terras brasileiras demonstra sua forma de escrever a história:

A terra era maravilhosa e abundante em qualquer coisa que o coração humano desejasse; a esplêndida plumagem dos pássaros encantava os europeus; as árvores exalavam uma fragrância indizível, e destilavam tantas resinas e sucos que, se suas virtudes fossem corretamente conhecidas, pensavam eles, nada haveria para impedir o homem de desfrutar sua saúde até a mais avançada idade. Se houvesse Paraíso terrestre neste mundo, imaginavam que não seria muito distante daqui (Southey, 1810, p. 17, tradução minha).²⁴

Mesmo descrições negativas, como aquelas dos *selvagens*, são marcadas por signos incontestavelmente sensíveis:

Durante seus registros, a repugnância e a raiva serão sentidas com mais frequência do que aqueles sentimentos exaltados que o historiador experimenta com mais satisfação. Devo falar de selvagens tão bárbaros que pouca solidariedade há com o sofrimento que passaram, e de colonizadores cujos triunfos nenhuma alegria provocam, porque somaram a avareza ao barbarismo; homens ignóbeis, mantendo uma guerra obscura cujas conseqüências foram maiores do que as produzidas pelas conquistas de Alexandre ou Carlos Magno, e que serão muito mais duradouras (Southey, 1810, p. 1-2, tradução minha).²⁵

O historiador lamenta, como o poeta, ser impedido de escrever que a verdade é sempre bela.²⁶ Apesar de tudo, segundo Oliveira Lima, a obra de Southey “foi, antes da de Varnhagen, a mais conscienciosa, a mais detalhada e a mais exata, e continua a mais literária, a mais bela e a mais cativante mesmo após ele” (Lima, 1964, p. 132-133). O juízo de Capistrano de Abreu não é muito diferente: “A *Historia geral* de Varnhagen é inferior à *Historia do Brasil* de Southey, como forma, como concepção, como intuição; mas é inferior somente a esta” (Abreu, 1928b, p. 443).

Finalmente, a obra de Southey, como boa parte da experiência historiográfica brasileira do século XIX, estava dividida entre uma história em busca do verdadeiro e as tentações do poético. Varnhagen, cuja arte narrativa procurou afastar-se o máximo que pôde das reflexões literárias e estéticas, manteve, mesmo à revelia, uma certa poética em seu texto, seja por meio das metáforas provenientes da conversão dos conceitos da retórica da filosofia da história setecentista, como o conteúdo imaginativo associado à formulação de hipóteses ou à representação histórica, às vezes francamente poéticas, que fraturavam a oposição entre *res factae* e *res fictae*, seja através de fontes, como o poeta Robert Southey.

Referências

- ABREU, J.C. de. 1928a. [1878]. Necrologio de Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. In: F.A. de VARNHAGEN, *História geral do Brasil*. 3^a/4^a ed., São Paulo, Melhoramentos, p. 502-508.
- ABREU, J.C. de. 1928b. [1882]. Sobre o Visconde de Porto Seguro. In: F.A. de VARNHAGEN, *História geral do Brasil*. 3^a/4^a ed., São Paulo, Melhoramentos, p. 435-444.
- BANN, S. 1984. *The clothing of Clío: A study of the representation of history in nineteenth-century Britain and France*. Cambridge, Cambridge University Press, 197 p.
- BANN, S. 1995. *Romanticism and the rise of history*. New York, Twayne Publishers, 187 p.
- BOULAY, B. 2006. Histoire et narrativité: Autour des chapitres 9 et 23 de *La Poétique d'Aristote*. *Lalies*, 26:171-187.
- BOXER, C.R. 1957. *The Dutch in Brazil (1624-1654)*. Oxford, Clarendon press, 327 p.
- CÂNDIDO, A. 1981. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte, Itatiaia, vol. 1, 361 p.

²⁴ “The land was beautiful, and abounded with whatever the heart of man could desire: the splendid plumage of the birds delighted the Europeans; the trees diffused an inexpressible fragrance, and distilled so many gums and juices, that they thought if their virtues were but rightly understood, there would be nothing to prevent man from enjoying health to extreme old age. If the terrestrial Paradise were upon this round world, they fancied that surely it could not be far from hence” (Southey, 1810, p. 17).

²⁵ “In the course of its annals disgust and anger will oftener be felt than those exalted feelings which it is more grateful for the historian to excite. I have to speak of savages so barbarous that little sympathy can be felt for any sufferings which they endured, and of colonists in whose triumphs no joy will be taken, because they added avarice to barbarity; ignoble men, carrying on an obscure warfare, the consequences of which have been greater than were produced by the conquests of Alexander or Charlemagne, and will be far more lasting” (Southey, 1810, p. 1-2).

²⁶ A relação entre verdade e poesia era comum no século XIX. Gonçalves de Magalhães, por exemplo, não deixava dúvida a este respeito: “Sans la vérité, la poésie n'existerait pas; sans la vérité, l'intelligence ne serait qu'un aveugle instinct au service du corps; sans la vérité, la sensibilité se réduirait à de grossiers appétits, sans jamais pouvoir s'élever jusqu'au sentiment; sans la vérité, l'activité s'exercerait fatalement, insoucieuse de se posséder et de se personnaliser; sans la vérité, l'homme serait plus misérable que les brutes. La vérité est donc le premier besoin de l'homme, la fin de son intelligence, et la chercher, son plus sacré devoir” (Magalhães, 1859, p. 8-9). Para a recepção da obra, ver Martins (1977, p. 93). Para uma dura crítica, ver Romero (1960, p. 803).

- CASTRO, L.J. de O. 1862. Ao leitor. In: R. SOUTHEY, *Historia do Brazil*. Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier, vol. I, p. 1.
- CEZAR, T. 2004. Presentismo, memória e poesia: noções da escrita da história no Brasil oitocentista. In: S. PESAVENTO (org.), *Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural*. Bauru, Edusc, p. 43-80.
- CHLADENIUS, J.M. 1988. On the concept of interpretation e On the interpretation of historical books and accounts. In: K. MUELLER-VOLLMER (ed.), *The hermeneutics reader: Texts of the German tradition from the Enlightenment to the present*. New York, Continuum, p. 54-71.
- COUTINHO, A. 1968. A tradição afortunada (o espírito de nacionalidade na crítica brasileira). Rio de Janeiro, José Olympio, 200 p.
- CURLY, M.O.D. 1967. O Brasil na historiografia romântica inglesa: um estudo de afinidades de visão histórica: Robert Southey e Walter Scott. *Anais do Museu Paulista*, 21:7-108.
- D'AVEZAC, A. 1857. Sur l'histoire du Brésil: examen critique d'une nouvelle Histoire Générale du Brésil récemment publiée en portugais à Madrid par M. François-Adolphe de Varnhagen. *Bulletin de la Société de Géographie*. Paris, Chez Arthus-Bertrand, 3:89-356.
- DIAS, G. e MACEDO, J.M. 1850. Parecer. *Revista do IHGB*, 12:520,529-530.
- DIAS, M.O. da S. 1974. *O fardo do homem branco: Southey, historiador do Brasil (um estudo dos valores ideológicos do império do comércio livre)*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 298 p.
- DENIS, F. 1877. *Quelques mots sur la deuxième édition de l'Historia geral du vicomte de Porto Seguro*. MS. 3970, I, Bibliothèque Sainte-Geneviève, p. 222-225.
- DOWDEN, E. 1909. *Southey*. London, MacMollan, 205 p.
- GAY, P. 1990. *O estilo na história*. São Paulo, Cia. das Letras, 239 p.
- GAUCHET, M. 2002. *Philosophie des sciences historiques: Le moment romantique*. Paris, Seuil, 361 p.
- GOSSMAN, L. 1990. *Between history and literature*. Cambridge, Harvard University Press, 412 p.
- GINZBURG, C. 2002. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo, Cia. das Letras, 192 p.
- GRAFTON, A. 1998. *Les origines tragiques de l'érudition: une histoire de la note en bas de page*. Paris, Seuil, 215 p.
- GUIMARÃES, L.M.P. 1995. Debaixo da imediata proteção de Sua Magestade Imperial: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *Revista do IHGB*, 388:459-613.
- GUIMARÃES, M.S. 2007. A disputa pelo passado na cultura histórica oitocentista no Brasil. In: J.M. de CARVALHO (org.), *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, p. 93-122.
- HARTOG, F. 1999. *L'histoire d'Homère à Augustin*. Paris, Seuil, 289 p.
- HARTOG, F. 2005. *Évidence de l'histoire. Ce que voient les historiens*. Paris, Ed. EHESS, 285 p.
- HUMBOLDT, W. 1985. *La tâche de l'historien*. Lille, PUL, 20 p.
- JAUSS, H.R. 1989. L'usage de la fiction en histoire. *Le Débat*, 54:89-113.
- JAUSS, H.R. 1990. *Pour une esthétique de la réception*. Paris, Gallimard, 335 p.
- KOSELLECK, R. 1990. *Le futur passé: contribution à la sémantique des temps historiques*. Paris, Éditions de l'EHESS, 334 p.
- KOSELLECK, R. 1997. *L'expérience de l'histoire*. Paris, Seuil/Gallimard, 247 p.
- LAGOS, M.F. 1848. Relatório dos trabalhos do Instituto Historico e Geographico. *Revista do IHGB*, tomo suplementar:89-147.
- LIMA, L.C. 2006. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo, Cia. das Letras, 434 p.
- LIMA, M.O. 1964. Elogio de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro (1903), *Revista de Portugal*, 29(222):121-156.
- MAGALHÃES, D.J.G. de. 1859. *Faits de l'esprit humain*. Paris, Librairie d'Auguste Fontaine, 345 p.
- MAGALHÃES, G. de. 1848. Memória histórica e documentada da revolução da provincia do Maranhão desde 1839 até 1840. *Revista do IHGB*, 10:263-362.
- MARTINS, W. 1952. A crítica literária no Brasil. São Paulo, Departamento de Cultura, 155 p.
- MARTINS, W. 1977. *História da inteligência brasileira (1855-1877)*. São Paulo, Editora Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, vol. 3, 585 p.
- NEFF, E. 1947. *The poetry of history: The contribution of literature and literary scholarship to the writing of history since Voltaire*. New York, Columbia University Press, 258 p.
- REIS, J.C. 1997. Varnhagen (1853-7): O elogio da colonização portuguesa. *Varia História*, 17:106-107.
- RICEUR, P. 1983. *Temps et récit*. Paris, Seuil, 406 p.
- ROMERO, S. 1960. *História da literatura brasileira: Transição e romantismo*. 6ª ed., Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 660 p.
- SIMMONS, J. 1945. *Southey*. London, Collins, 256 p.
- SOUTHEY, R. 1810. *History of Brazil*. London, Longman, vol. 1, 730 p.
- SOUTHEY, R. 1817. *History of Brazil*, London, Longman, vol. 2, 705 p.
- SOUTHEY, R. 1819. *History of Brazil*, London, Longman, vol. 3, 696 p.
- SOUTHEY, R. 1862. *Historia do Brazil*. Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier, t. 6, 830 p.
- SUSSEKIND, F. 1990. *O Brasil não é longe daqui: O narrador. A viagem*. São Paulo, Companhia das Letras, 319 p.
- VARNHAGEN, F.A. de. 1840. Chronica do descobrimento do Brazil. *O Panorama: jornal litterario e instructivo da Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis*, vol. 4, 18(1):21-22; 1(2):33-35; 8(2):43-45; 15(2):53-56; 29(2):68-69; 14(3):85-87; 28(3):101-104.
- VARNHAGEN, F.A. de. 1850. *Florilegio da poesia brasileira, ou collecção das mais notaveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biographias de muito delles, tudo precedido de um ensaio historico sobre as lettras no Brazil*. Lisboa, Imprensa Nacional, vol. 1-2, 59 p.
- VARNHAGEN, F.A. de. 1854. *Historia Geral do Brazil*. Madri, Imprensa da V. de Dominguez, vol. 1, 476 p.
- VARNHAGEN, F.A. de. 1857. *Historia Geral do Brazil*. Madri, Imprensa da V. de Dominguez, vol. 2, 465 p.
- VARNHAGEN, F. A. 1858. *Examen de quelques points de l'histoire géographique du Brésil*. Paris, Imprimerie de L. Martinet, 78 p.
- VARNHAGEN, F.A. de. 1955 [1871]. *História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654*. Salvador, Progresso, 426 p.
- VARNHAGEN, F.A. de. 2001. *Ensaio histórico sobre as lettras no Brasil (1847)*. Brasília, Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 40 p.
- VARNHAGEN, F.A. de. 1981. *História geral do Brasil: antes da sua*

- separação e independência de Portugal*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, vol. 3, n. 5, 313 p.
- VERÍSSIMO, J. 1954. *História da literatura brasileira* (1915). 3ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 319 p.
- WHITE, H. 1992. *Metahistória: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo, Edusp, 456 p.
- WHITE, H. 1994. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*.

- São Paulo, Edusp, 310 p.
- WOLF, F. 1863. *Le Brésil littéraire: histoire de la littérature brésilienne suivie d'un choix de morceaux tirés des meilleurs auteurs brésiliens*. Berlin, Asher, 359 p.

Submetido em: 01/10/2007

Aceito em: 04/10/2007